An underwater photograph showing two divers in the upper center, illuminated by their blue lights. Below them, a large, rusted metal structure, likely part of a shipwreck, is visible on the right side. The water is dark and murky, with some small fish swimming in the background.

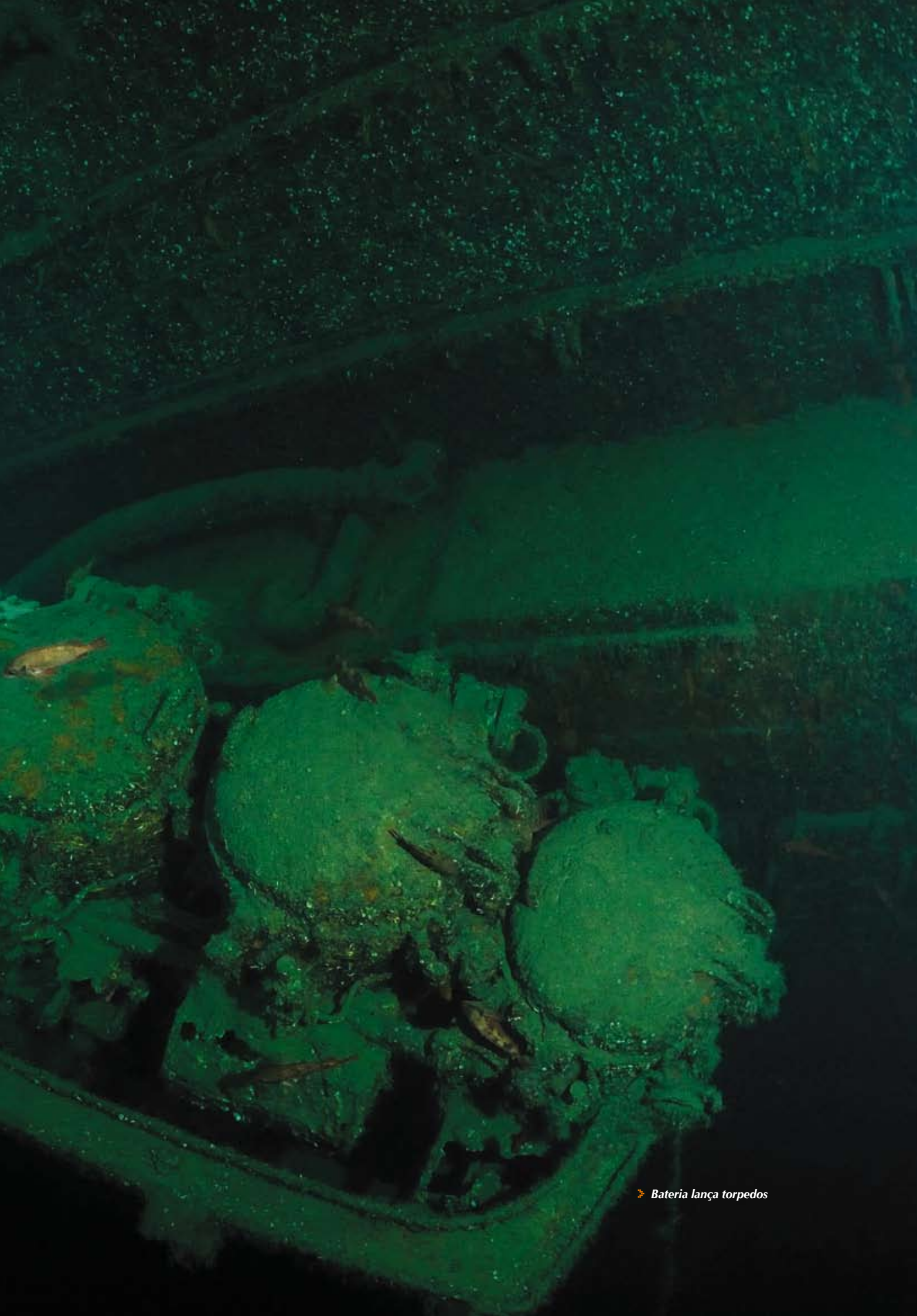
Equipa In Silence: Expedição 2009

Alvo principal:

Destroyer

Erich Giese

A CIDADE DE NARVIK, NA NORUEGA, FOI O LOCAL ESCOLHIDO PELA EQUIPA IN-SILENCE PARA A EXPEDIÇÃO INTERNACIONAL DE 2009. PALCO DE UMA DAS MAIORES BATALHAS NAVAIS DA 2.ª GUERRA MUNDIAL – A BATALHA DE NARVIK. AQUI FICA O REGISTO DE MAIS UMA AVENTURA DESSA VIAGEM.



➤ *Bateria lança torpedos*

DIA 24, A PARTIDA

Desta vez o grande objectivo será visitar o Destroyer Alemão *Erich Giese*, considerado sepultura de guerra pelas autoridades norueguesas e totalmente interdito ao mergulho. Para que nos fosse aberta uma excepção foi necessário esperar dois anos por uma permissão especial de apenas dois dias.

A partida foi hoje, dia 24 de Julho, sexta-feira. A expectativa é grande, bem como a longa viagem. A primeira fase será Lisboa – Oslo, seguindo-se o trajecto (outro voo) até Narvik.

Às 7h30 da manhã já nos encontrávamos no aeroporto de Lisboa para o *check-in* habitual. Tudo correu dentro da normalidade, o voo foi muito calmo e teve a duração de 3h20. Uma vez chegados a Oslo, tivemos de realizar novo *check-in* e aí as coisas foram bem diferentes, para pior. As regras da companhia aérea para o excesso de peso são fora do comum, de difícil e dúbia interpretação, pois após longa negociação/troca de argumentos e pontos de vista com seis funcionárias (rígidas e frias como gelo), desde a balconista até à chefe de serviço, o resultado obviamente não nos foi favorável e tivemos de desembolsar uma módica quantia de 280 euros (só para uma viagem de ida). Sofremos desta forma o primeiro contratempo, mas este tipo de obstáculos fazem parte e estamos preparados para tal.

Restava-nos o último voo para Harstad, cerca de 1h30, após o



qual nos aguarda um mini bus que nos levará até ao nosso destino (mais 82km).

Chuva torrencial e algum frio deram-nos as boas vindas, sentimos rapidamente que estávamos bem longe de Portugal. O trajecto até ao hotel (pois o barco chegaria apenas no dia seguinte), foi sempre ao longo das margens dos Fiordes, paisagens lindíssimas com enormes montanhas e alguma neve nos seus cumes, cobertas de verdejantes e belas florestas, rodeadas por um mar tranquilo como um lago. Avistavam-se algumas construções típicas em madeira, pintadas de cor vermelha, característica norueguesa, que de alguma forma davam cor ao verde dominante. Ainda antes da chegada ao hotel, visitámos alguns monumentos de homenagem aos combatentes que tombaram na Batalha de Narvik.

Eram 21h quando finalmente pousámos as malas no quarto do Hotel.

DIA 25, O MUSEU

Na manhã seguinte o tempo estava a querer mudar para melhor e resolvemos aproveitar para visitar o Museu da Guerra, um espaço de enorme valor, pois apesar de ser pequeno, contém no seu espólio um património magnífico, que retrata o período da invasão Nazi à Noruega e toda a batalha naval em Narvik. Largas centenas de artefactos bélicos, fardas, armamento, peças de navios, maquetas, mapas, planos, estratégias, um arquivo fotográfico único, enfim, um local obrigatório para todos aqueles que visitam a cidade e que nos faz recuar no tempo, lembrando as atrocidades vividas por todos os habitantes locais e

seus aliados.

Por volta das 17h, já esperávamos o transporte do nosso equipamento para o porto, que se situa a cerca de 10 minutos do hotel. Pouco depois estávamos a descarregar todo o material para o interior do barco.

Este foi uma antiga embarcação militar, que pertenceu à divisão de mergulhadores anti-minas, agora reconvertido para expedições de mergulho. Tem cerca de 24 m.

de comprimento e alojamento para 14 mergulhadores, 2 casas de banho, 1 cozinha, sala de estar. O *deck* é coberto por uma estrutura metálica, onde se encontra o espaço para acomodar todo o equipamento, estação de enchimentos, secador de roupa, mesa de trabalho (montagem de câmaras de vídeo e outras reparações), *booster* e acesso ao *deck* inferior, onde se situam as cabines.

...DE SALIENTAR A MITICA MÁQUINA DE ENCRYPTAR MENSAGENS NAZI - A CELEBRE ENIGMA





Ao longo da tarde foram chegando os restantes elementos do grupo. Primeiro os nossos amigos suecos (Mikey e Dick), e pouco depois os holandeses (Tom e Ray). Foi um excelente reencontro, é sempre bom voltar a mergulhar com amigos de outras expedições, pois a equipa fica mais coesa, existe mais confiança e o ambiente a bordo fica sempre muito mais positivo, pois gostamos de mergulhar juntos. O jantar foi servido ao ar livre no porto, numa mesa comprida, onde partilhámos as últimas novidades, o serão prolongou-se pela noite dentro. Só pelas 2h da madrugada nos fomos deitar. o dia seguinte será longo, pois teremos de preparar todo o equipamento e realizar o primeiro mergulho de teste.

DIA 26, MERGULHO DE TESTE

Aos poucos, todos fomos tomando o pequeno-almoço, para depois darmos início à longa tarefa de

descarregar cerca de 2.000kg em equipamento para toda a expedição, pois nas carrinhas dos nossos amigos vieram todas as garrafas de *bailout* e *inboard*, todos os gases, embalagens de Sofnolime, scooters, baterias, luzes de vídeo, câmaras fotográficas e de filmar, caixas de ferramentas, *boosters*, diversos fatos secos extra e *re-breathers* (3 megalodons duplos, 4 megalodons simples, os nossos 2 ccrs inspiration e orobouros), algumas paletes de água e cerveja, enfim tudo o que é essencial em termos logísticos e de segurança. Durante toda a manhã e início da tarde foi este o nosso trabalho, que decorreu ao sabor da maré, sem pressas, pois esta é inimiga dos mergulhadores, ajuda a esquecer os pequenos detalhes e aumenta a ansiedade.

No início da tarde, estávamos preparados para o primeiro mergulho de teste, que seria na tranquila baía de Narvik. **O objectivo é chegar aos 2 destroyers alemães**

O ÚNICO QUE AINDA SE ENCONTRA VIRGEM E NO SEU ESTADO PRIMITIVO É O ERICH GEISE, O OBJECTIVO PRINCIPAL DA NOSSA EXPEDIÇÃO

que se encontravam lado a lado na fatídica manhã de 10 de Abril de 1940: o Anton Schimdt e o Wilhelm Heidkamp, construídos em 1936 nos estaleiros navais de Bremem. Ambos com 123 m. de comprimento, 3600 toneladas e com uma tripulação de 323 homens cada, foram afundados pelos navios de guerra britânicos *HMS Hunter* (encontrado recentemente a 305 m.), *HMS Havock* e *HMS Hardy*, existindo registo de pelos menos 81 mortos.

Existia alguma ansiedade no ar, pois na realidade estávamos desejosos de iniciar a expedição e de visitar os primeiros destroços de tão célebre batalha. A viagem foi muito curta, cerca de 10 minutos e estávamos sobre eles. Em equipas de dois fomos saltando para a água. Por ser muito fria, cerca de 5 graus, imediatamente sentimos as mãos e as partes expostas da face a contraírem-se. A água está num tom esverdeado, derivado às enormes algas que cobrem alguns destroços menos profundos (como é o caso – 20 m.).

A descida foi rápida e em menos

de 1 minuto estamos sobre o *deck* do Wilhelm Heidkamp. Este encontra-se direito e assente no fundo, é enorme, o cabo está preso à estrutura principal, mas no sentido da popa. De imediato entramos num dos compridos, longos e apertados corredores, que comunica com vários compartimentos e cabines da tripulação. Desde chuveiros e sanitários a outros vestígios humanos, como botas e restos de roupa, são visíveis do corredor. No final deste, desembocamos numa ampla sala (oficiais) totalmente destruída, uma enorme panóplia de cabos e pedaços de estrutura se encontram pendurados, e que nos dificultam a progressão e condicionam o caminho a percorrer. As passagens são muito estreitas e perigosas, pois estas estruturas foram alvo de violentíssimas explosões e estão há cerca de 70 anos submersas; em cada restrição raspamos com os fatos e forçamos a passagem, imensa suspensão se levanta atrás de nós, pedaços de ferrugem tingem a água de castanho, no final é necessário regressar calmamente pelo mesmo caminho mas >>>





✦ José Marques e Armando Ribeiro prontos para mais um mergulho

com visibilidade, muitas vezes, quase nula. Após esta incursão, nadámos em direcção à proa e pelo caminho fomos encontrando alguns projecteis, torpedos e bombas; alguns dos canhões já foram retirados (anos 60) e só se avistam as suas enormes bases circulares; a proa é brutal, mas devido à fraca visibilidade não se conseguiram registar boas imagens.

Mesmo ao lado deste naufrágio (5 a 10 m.) está tombado do lado estibordo um outro *destroyer*, o *Anton Schimdt*, apenas meio navio para a proa encontra-se intacto. Deslizamos primeiro entre ambos, é como um gigantesco Canyon de ferro (sentimo-nos muito pequeninos), e em seguida ficamos maravilhados com o seu enorme canhão, além de outros já contorcidos, inúmeras escotilhas e pequenas aberturas escondem o seu perigoso interior, a ponte de comando é enorme mas já muito destruída.

Estes naufrágios foram 'limpos' de muitos artefactos e armamento durante os anos 60 por companhias de salvados, pois estes encontravam-se em canais

de navegação de enormes cargueiros de minério bem como de outras mercadorias e tiveram de ser deslocados/arrastados dos seus locais originais, logo estão muito danificados. O único que ainda se encontra virgem e no seu estado primitivo é o *Erich Geise*, o objectivo principal da nossa expedição.

No final, foi um interessante mergulho de habituação aos ambientes que iremos encontrar, ainda mais difíceis. Foram cerca de 90 minutos sem descompressão.

DIA 27, ERICH GEISE

O *destroyer* alemão *Erich Giese* é o principal objectivo desta expedição, pois é o melhor, mais

profundo e inexplorado naufrágio de toda a Batalha. Encontra-se a 70 metros de profundidade, totalmente intacto.

Para aproveitarmos ao máximo o tempo que nos concederam, planeámos fazer dois mergulhos por dia, no entanto, e para dificultar ainda mais as operações, estes só poderão ser executados se não existir tráfego marítimo de cargueiros no canal. Os únicos dias disponíveis eram hoje (2.^a feira) e 6.^a feira seguinte. **Apesar de todos os condicionamentos, tivemos imensa sorte, pois seremos os últimos mergulhadores (dos muito poucos) a visitar este fantástico e único naufrágio. As autoridades vão fechar definitivamente a zona para desmantelar as cargas explosivas que se encontram no seu interior e à sua volta, bem como limpar os tanques de combustível e de óleo, que após 70 anos ainda se encontram a verter.**

Bem cedo largámos amarras para o nosso primeiro mergulho no *Erich Geise*.

Por grupos saltámos para a água. Esta encontra-se gelada, a 5°C, a visibilidade é algo turva, mas à medida que vamos descendo vai tornando-se melhor e a luminosidade perde-se por completo, até que surge vindo da profunda escuridão o nosso navio. Encontra-se tombado de bombordo e a



✦ Destroyer Alemão Erich Giese



➤ *Parte traseira do canhão de popa*



shot line está colocada na popa junto da hélice. É sempre um dos piores locais para o mergulhador, pois para o explorar teríamos que nadar cerca de 70 metros dos seus 125, o nosso plano era percorrê-lo até à ponte de comando.

Assim que pousámos no seu gigantesco casco e nos deslocámos para o convés, eis que surgem diante de nós dois enormes canhões, toda a maquinaria e instrumentos se encontram no local, tudo está como no primeiro dia,

totalmente intacto. É uma visita ao passado, sente-se uma energia diferente e um silêncio muito profundo (como num túmulo sagrado). Aos poucos fomos percorrendo o *deck*, algumas portas (todas elas muito estreitas para entrar com todo o nosso equipamento) escondem todos os seus segredos e almas que ali se perderam, as estruturas dos aposentos dos oficiais, enormes holofotes de iluminação, armamento pesado, munições: >>



➤ Torre e base de metralhadora

tudo jaz no fundo.

Mais à frente vislumbramos a torre de comando, também ela danificada. Existem imensos artefactos junto desta, mas o tempo estava no limite e era necessário voltar. Sem dúvida que este naufrágio é um autêntico museu, infelizmente a temperatura é o factor limitativo, é muito difícil e penoso estar submerso mais de 1h30 ou 2h, além de ser um factor de DCS, assim limitámos os mergulhos ao máximo de 35 minutos, no final da descompressão já praticamente não sentíamos os dedos das mãos.

Após o mergulho, toda a tarde foi passada à espera que o tráfego marítimo terminasse para que pudéssemos mergulhar novamente. No entanto, só por volta das 21h é que o canal de navegação ficou livre, infelizmente bem tarde para o fazer. Desta forma perdemos um precioso mergulho, mas nem tudo estava perdido, pois iríamos iniciar uma maravilhosa e inesquecível viagem de quatro dias e visitar os naufrágios mais profundos desta região.

SEM DÚVIDA QUE ESTE NAUFRÁGIO É UM AUTÊNTICO MUSEU

DIA 28, INÍCIO DA AVENTURA

Os próximos mergulhos serão feitos bem longe de Narvik. O primeiro está a cerca de 9 horas de viagem, na localidade de Lodingen, e será no submarino Alemão U-711. (Ver Portugal Dive nº 6; www.in-silence.com)

Após o submarino, a segunda parte do dia foi a viagem para o mergulho seguinte, um rebocador de nome *Landego*, que foi afundado por uma mina. Para lá chegarmos percorremos um dos trajectos mais belos do mundo, foram cerca de 3 horas a navegar por entre maravilhosas montanhas negras, cobertas por verdes florestas, sarapintadas de neve nos seus pontos mais altos, delicadas baías, pequenas praias, ilhas de sonho, onde pequenas casas de madeira preenchem o nosso imaginário de local perfeito para viver ou descansar. Com o sol a brilhar bem alto, todos descansaram e apanharam alguns raros banhos de sol. A tranquilidade que nos envolve é difícil de descrever por palavras: éramos nós, a natureza e nada mais.

No final da tarde o tempo mudou. O vento e as nuvens surgiram no horizonte e a temperatura começou a descer, aqui o Verão é assim, é aos pedaços e tem de ser bem aproveitado.

Era altura de mergulhar no rebocador, o melhor naufrágio por estas paragens, pois está intacto apenas com a proa danificada. A água estava num tom cinzento esmeralda, mas no fundo encontrava-se muito limpa, mas totalmente escura. O cabo foi largado mesmo no topo da ponte. O rebocador está direito, ainda possui todas as janelas de madeira, as iluminações originais, a cozinha, a dispensa com inúmeros pratos, as WC, a casa das máquinas, que se via perfeitamente por entre vidraças da clarabóia. É, sem dúvida, como um brinquedo quase intacto comparado com a dimensão dos destroyers alemães. **O Landego está totalmente coberto de milhares de esponjas brancas, que parecem pequenas almofadas de algodão, fazendo um contraste com a água escura muito bonito.** Junto da cabine, mas no fundo do mar, encontra-se o 'telegraph', simplesmente espectacular, é sem dúvida um mimo este rebocador, uma peça de arte antiga.

O ponto negativo do mergulho

foram os flashes da câmara do Armando não terem funcionado, logo não houve fotografias desta fantástica imersão.

A viagem para o próximo naufrágio será longa, mais 7 horas. O tempo mudou, o vento trouxe a chuva e o frio. Porém, para animar tivemos um longo serão até à 1h da manhã, a preparar os rebreathers, encher garrafas e a ouvir música, a contar e ouvir boas anedotas, e assim se vai passando o tempo.

DIA 29, O PORTO PERDIDO

Durante a madrugada aportámos em Hano, um minúsculo porto, no meio do nada, já desactivado, bem perto do local do próximo mergulho, que será num navio de passageiros (ferry) o *Norsdstjernen*, que embateu numa das pequenas ilhas que rodeiam a área e se afundou a cerca de 58 m. de profundidade.

Com o pequeno-almoço marcado para as 8h30 e com o equipamento preparado, restava-nos apenas aguardar pela melhor altura da maré e pela preparação de um novo cabo de descida, que será colocado definitivamente, substituindo o cabo mais antigo, pois nestas águas é proibido fundear,



➤ *O Porto perdido de Hano*

assim um dos membros da tripulação irá sozinho prender o cabo ao destroço para que possamos descer em seguida.

Eram 12h quando saltámos para a água. Eu e o Armando em primeiro lugar, o Tom e o Ray em 2.º e por último o Mikey e o Dick. Como o navio é bastante comprido, cerca de 90m, não justificava descermos todos juntos para o mesmo local. Combinámos que cada grupo mergulhava numa parte diferente

para que a suspensão levantada não prejudicasse a visibilidade dos restantes.

Nós escolhemos mergulhar na zona da popa até meio navio, a visibilidade era cerca de 10m, o barco está inclinado cerca de 45 graus para o lado de bombordo, tem 2 níveis de *decks*, inúmeros corredores e algumas portas por onde se pode entrar, mas é um naufrágio perigoso, derivado ao seu interior ser labiríntico e >>



➤ *Frágil escadaria para o interior do labirinto*



➤ *Respiradouro da casa das máquinas*

estar tombado, o que dificulta muitas vezes a orientação. Como temos pouco tempo optámos por não entrar e tirar antes algumas fotos de ambiente ou de alguns objectos mais interessantes de registar.

O cabo por onde descemos ficou preso junto da chaminé, nadámos para a popa onde se encontra a sala de fumo, amplo salão com varanda. No final desta existe um *deck* com enormes e profundos porões, cuja carga eram malas de viagem e alguns enlatados. Em seguida, regressámos a meio navio, passando por enormes respiradouros, avistámos algumas escadarias de madeira que dão acesso ao interior dos *decks* e camarotes, mais à frente e junto a um longo corredor está um rádio a válvulas ainda intactas. Diversas escotilhas fechadas e em bom estado pois ainda possuem os seus vidros, junto da chaminé e no topo do navio existe uma clarabóia por onde se consegue avistar a escadaria e os varandins da casa das máquinas. É pena que o frio impeça mergulhos mais demorados, pois estes locais são muito interessantes de visitar. Assim a exploração terá de continuar no dia seguinte.

Hoje resolvemos não mergulhar duas vezes para descansar mais. Durante a tarde o sol brilhou para nossa satisfação, o local onde nos encontramos aportados é maravilhoso, um paraíso de tranquilidade, entre pequenas e verdejantes

ilhas e enormes montanhas um pequeno armazém/estação de embarque antiga desactivada serve de companhia, com o espelho do mar a reflectir as montanhas e o silêncio como som natural seria um óptimo lugar para instalar uma pequena pousada.

Amanhã iremos repetir o mergulho e prosseguir a nossa viagem de regresso a Narvik, onde chegaremos sexta-feira de madrugada para finalizarmos a nossa expedição com os últimos dois mergulhos no famoso destroyer. Antes disso, vamos visitar o mais belo fiord das Ilhas Lofoten.

DIA 30, O TROLL FJORD

De manhã bem cedo demos início aos preparativos para o último mergulho no Nordstjernen. Calmamente fomos equipando, com a ajuda dos nossos amigos, pois desta forma tudo se torna mais fácil e tranquilo. Eu e o Armando saltámos, o cabo encontra-se mesmo ali, junto do nosso barco. Iniciamos a descida, o nosso plano seria o de repetir algumas fotos do dia anterior. A água estava muito fria e ligeiramente mais turva, logo menos visibilidade e escuridão total. Ao chegarmos ao topo do

navio, nadámos em direcção à clarabóia da casa das máquinas, onde avistamos toda a escadaria e os motores, em seguida fomos até à popa percorrendo todo o *deck* interior, onde se poderiam ver as escotilhas das cabines e alguns enormes respiradouros, algumas escadarias de madeira levam-nos aos pisos inferiores, no entanto estão muito danificadas e são muito apertadas, o que torna a sua penetração bem mais perigosa não justificando o risco, pois este navio não tem aberturas suficientemente grandes para se entrar ou sair, ou seja, o local por onde se entra terá de ser o local por onde se sai, desta forma se por algum motivo a escadaria bloqueasse a saída, ficaríamos aprisionados no seu interior.

Com 30 minutos passados e com as fotos bem tiradas, resolvemos terminar o mergulho, a subida foi lenta e penosa, pois o frio não perdoa tornando-se bastante desconfortável durante a hora e meia de descompressão.

Este naufrágio é bastante interessante mas perigoso e necessita de vários mergulhos para ser bem explorado, com apenas 2 mergulhos ficamos apenas com uma ideia geral da sua dimensão e dos locais com mais interesse.

Já a bordo e com todos reunidos à



➤ *Acesso à casa das máquinas e veio da hélice*



mesa esperava-nos um excelente almoço. O ambiente estava óptimo, pois durante a tarde iríamos passear a um dos locais mais belos da Noruega, o dia estava estupendo, até parecia encomendado, sol radioso e céu azul é algo difícil de encontrar, mesmo no Verão, por estas paragens.

Durante o trajecto a nossa admiração foi total. É difícil descrever tamanha beleza natural, maravilhosas montanhas cobertas de florestas, enormes quedas de água, riachos escorrem desde os cumes cobertos de neve, tudo envolto numa paz e num silêncio apenas quebrado pelo som da água a cair, simplesmente indescritível. Durante horas fomos tentando absorver toda aquela energia, até que por entre ilhas e num sinuoso canal surge diante de nós o famoso Troll Fjord, o mais belo das ilhas Lofoten e do norte do país. Um estreito canal de 50 m. de largura, de cujas margens se erguem enormes paredes com cerca de 150 m. de altura. O fim do canal desemboca numa belíssima baía, desligam-se os motores e ficamos ‘esmagados’, o silêncio torna-nos insignificantes, ouve-se a água a escorrer pela montanha e nada mais, apetece ficar ali para sempre, rodeados de enorme beleza. Sentimo-nos uns sortudos em poder desfrutar

de tal espectáculo, são nestes momentos que sentimos que as nossas vidas ganham outro rumo, outro sentido, crescemos.

As coisas boas são para se apreciar aos poucos e desta feita a viagem teria de continuar em direcção a Narvik, foram cerca de 10 horas de jornada onde já chegámos de noite, no total foi uma viagem que durou cerca de 4 dias e 350 milhas náuticas.

DIA 31, A ÁGUIA NAZI DO ERICH GIESE

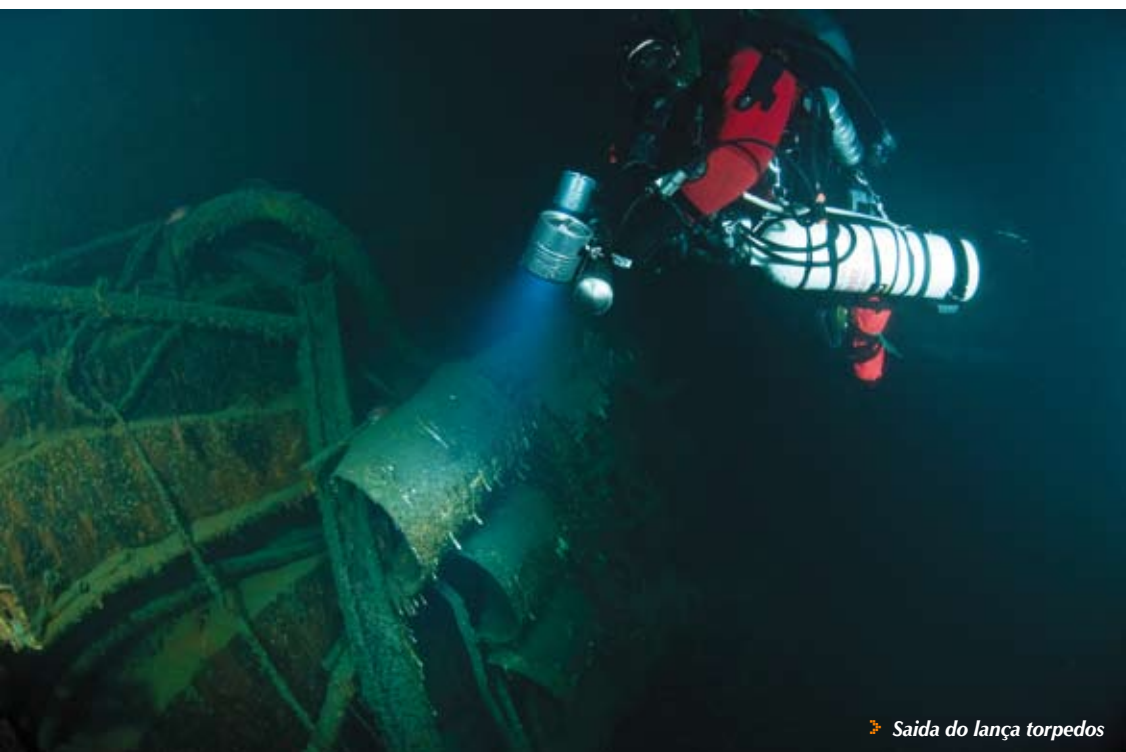
Era tempo de voltar ao projecto *Erich Giese*, o objectivo seria realizar mais dois mergulhos, mas para que tal seja possível o primeiro deverá ser feito bem cedo. Nós fomos a primeira equipa a entrar, mas desta vez ‘carregávamos’ alguma ansiedade extra, pois fora avistado no primeiro mergulho (1º dia) o que parecia ser um dos símbolos Nazis mais emblemáticos e importantes, a águia Nazi que estava colocada na ponte de comando, simbolizando o poderio alemão da época.

Quando iniciámos a descida só pensávamos em ir ao seu encontro, procurando-a junto da torre principal, de acordo com as instruções fornecidas. A visibilidade era boa, mas uma vez mais a escuridão fazia-nos companhia.

Após percorrermos todo o casco até à ponte, cerca de 60 a 70 m., demos início à busca. Luzes apontadas ao fundo, todos os nossos sentidos estavam apenas focalizados em ver a águia. No entanto, a ansiedade e a pressa fizeram com que o nosso discernimento não fosse o melhor, os focos de luzes para cima e para baixo bem como a suspensão que

se foi levantando, associada ao passar do tempo, fizeram-nos perder outros detalhes do naufrágio também eles importantes, no final de 20 minutos resolvemos deixar a águia para o último mergulho, e filmar ainda o pouco tempo que nos restava. Assim regressámos ao cabo percorrendo a meio navio o *deck* principal, onde se avistavam as baterias dos lançatorpedos, os canhões de popa e armamento pesado, anti-aéreas, algumas escotilhas mostram o interior mas era impossível entrar, ainda houve tempo para filmar a hélice e após 35 minutos tivemos mesmo de subir. Foi um mergulho que soube a pouco, pois sentimos que ‘queimámos’ uma preciosa ocasião, não vimos a águia nem se filmou em condições, restamos agora apenas uma última oportunidade, que não pode ser desperdiçada.

Após o almoço, preparámos os equipamentos para o último e mais importante mergulho de toda a expedição. A estratégia teria de ser outra, com menos ansiedade, com mais calma, tarefas nada fáceis de controlar. O Tom ofereceu-se para ir connosco, pois ele sabia (mais ou menos) onde ➤



➤ *Saída do lança torpedos*



É UMA PEÇA LINDA COM CERCA DE 1,5 M DE ENVERGADURA, COMPLETAMENTE INTACTA, PERFEITA, MAGNÍFICA

a águia se encontrava. Toda a tarde foi passada a descansar e a tentar libertar a pressão, melhorando assim os níveis de concentração. As horas foram passando e com um intervalo de superfície de 6 horas demos início à aventura.

Objectivo Águia: saltamos para a água, o Tom descia à frente, eu seguia-o com o Armando, a água estava gelada e escura, após 3 minutos a hélice já se via. Tocamos no casco, ajustamos as luzes, os rebreathers e a flutuabi-

lidade, em seguida nadamos ao longo do bordo, o coração bate um pouco mais forte, passamos pelos canhões e lança-torpedos, assim que o bordo se começa a elevar é o sinal que estamos na retaguarda da ponte de comando que está danificada, mas ainda se consegue perceber os varandins por onde o comandante e seus oficiais davam as ordens e enfrentavam o inimigo na frente da batalha, os binóculos fixos ainda lá estavam. Em seguida, descemos para junto do fundo,

lentamente deslizamos, tentando observar tudo o que se encontra por baixo de nós, Tom com as suas fortes luzes nadava em direcção à proa, mas nada, pois o local não era aquele. Por momentos começámos a pensar que a águia já tinha 'passado à História'. Tom percebeu tal como nós que não estávamos no local certo e voltou para trás. Lentamente voltámos a vasculhar todo o fundo, o tempo voava como nunca, o desânimo estava a instalar-se e eis **como que um milagre, a cerca de 10 metros atrás da ponte, lá estava ela bem escondida entre alguns destroços**. Por instantes o coração quase que pára de bater, foi o clímax, com todas as luzes a apontar para ela, esta voltou a brilhar, ganhou vida, é uma peça linda com cerca de 1,5 m. de envergadura, completamente

intacta, perfeita, magnífica nos seus detalhes. Pormenores como as asas e suas penas, a cabeça, um peito cheio de bravura e coragem, as suas garras fortes e afiadas seguram uma coroa de louros, que no seu interior exhibe o símbolo Nazi, a cruz suástica.

De imediato, Armando tirou algumas fotografias para registar este histórico momento, **o mergulhador em naufrágio busca momentos destes, simplesmente únicos**. Poder estar junto de um artefacto desta classe e beleza, poder tocar-lhe é algo que acontece uma vez na vida e nós tivemos essa sorte, mas também é certo que a procurámos, com a nossa força de vontade e uma certa dose de coragem.

O tempo não perdoa e com muito desgosto despedimo-nos dela com um até sempre, pois jamais a esqueceremos. O regresso ao cabo foi para tirar mais umas fotos, aquelas que ficam sempre para o último momento, as da despedida. Foi um mergulho inesquecível, que fica para o resto da vida.

Esta expedição foi, em todos os aspectos, maravilhosa: um ambiente de amizade fantástico, onde mais uma vez aprendemos todos com a experiência uns dos outros. Tivemos sorte com o tempo e com o cozinheiro, um skeeper muito competente e paciente, tornou-se mais um amigo, brindou-nos com cerca de 350 milhas náuticas de uma beleza extrema e com os melhores e mais profundos naufrágios da Noruega (Narvik). A equipa está maior e mais forte, novas aventuras estão planeadas e provavelmente vão continuar em latitudes mais a norte, em busca da história perdida.



APOIOS

Kent Tooling & Components Ltd
Diving Products

SPORT
ZONE

FOURTH
ELEMENT
adventure sport thermal protection

Barbolight®
LIGHTING SYSTEMS